



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

ALAN MARTINS MATOS

**OS KANINDÉ DE ARATUBA: HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E
EDUCAÇÃO INDÍGENA (1980-2016).**

Acarape (CE)

2017



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

ALAN MARTINS MATOS

**OS KANINDÉ DE ARATUBA: HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E
EDUCAÇÃO INDÍGENA (1980-2016).**

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

**ORIENTADOR: PROF. Dr. EDSON HOLANDA LIMA
BARBOZA.**

Acarape (CE)

2017

ALAN MARTINS MATOS

OS KANINDÉ DE ARATUBA: HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO
INDÍGENA (1980-2016).

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Data de Defesa: 28 de Março de 2017.

Resultado: _____

Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza – Orientador

Profa. Dra. Caroline Farias Leal Mendonça – Banca Examinadora

Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco – Banca Examinadora

Apresentação

A pesquisa se deu com a iniciativa de investigar o povo Kanindé de Aratuba¹ (CE), pretendemos pelas lutas de reconhecimento que tanto anseiam em conseguir seu território, a oralidade e principalmente, compreender o cenário atual de lutas indígenas. O povo Kanindé “apareceu” no cenário dos movimentos dos povos indígenas no Ceará no ano de 1995. Um pouco depois da década de 80, essa que ficou conhecida como a do “reaparecimento” dos povos indígenas no Estado do Ceará. O estado tem hoje 14 povos indígenas, muitas delas formaram uniões ao longo de sua jornada. Vários dos povos hoje vivem em municípios e em comunidades diferentes, como no caso da etnia Kanindé, localizados em Aratuba no Sítio Fernandes e em Canindé na Serra da Gameleira.

As etnias presentes hoje no Ceará são: Anacé, Gavião, Jenipapo-Kanindé, Kalabaça, Kanindé, Kariri, Pitaguary, Potiguara/Potyguara, Tabajara, Tapeba, Tremembé, Tubiba-Tapuia². A maioria desses povos lutou por suas terras, enfrentou diversos processos de inclusão a sociedade, alimentação, saúde e lutando por suas terras principalmente. Situação muito comum em Crateús. Nem todos os povos indígenas no Ceará possuem todos os direitos que merecem, ainda há luta por terra no estado e no País, e a mais de quatro séculos o governo brasileiro tem uma grande dívida para com os povos indígenas. A ausência de direitos básicos como, moradia, alimentação e educação gera graves problemas para índios e não-índios. Uso esse termo para distinguir a população brasileira e a indígena, conseqüentemente, abro para um problema que exploraremos amplamente neste trabalho, a que nacionalidade o índio no Ceará pertence? Pois, como elementos como a etnogênese tocamos num ponto no qual o índio atual tem que se atribuir características para conseguir direitos, caso não utilize tais características, ou provas, os direitos básicos na maioria das vezes lhe são negados.

¹ Segundo o censo do IBGE, divulgado em novembro de 2010, o município de Aratuba possui 115km², situados na descida da serra de Baturité para o sertão de Canindé, com uma população de 11.529 habitantes. Aratuba faz parte da APA (Área de Proteção Ambiental) da serra de Baturité, é a primeira e mais extensa APA criada pelo Governo do Estado do Ceará, e foi instituída pelo Decreto Estadual nº 20.956, de 18 de setembro de 1990, alterado pelo Decreto nº 27.290, de 15 de dezembro de 2003. Os municípios que fazem parte da APA são: Aratuba, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Mulungu, Pacoti, Caridade e Redenção. Fonte: IBGE. Link: <http://cod.ibge.gov.br/6XR> Acesso: 12/05/2016.

² GOMES, Alexandre O. Povos Indígenas no Ceará: organização, memória e luta. Fortaleza: Ribeiro's. 2007.

Figura 1 – Os 14 Povos Indígenas do Ceará.

Fonte: Matéria do jornal O Povo de 19/04/2017. Acesso em 26/07/2017. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/04/apenas-uma-das-25-areas-indigenas-do-ceara-esta-regularizada.html>.

Os 14 povos indígenas do Ceará

1 TAPEBA

Município: Caucaia

População estimada: 8.010

Situação: com primeiro processo demarcatório iniciado em 1985, o povo indígena teve pelo menos duas tentativas de demarcação anuladas desde 1997. O processo atual começou em 2010 e teve relatório entregue à Funai e ao Ministério da Justiça em 2013. O último passo, a portaria de declaração dos limites da terra, está pendente desde 2016.

2 TABAJARA

Municípios: Crateús, Monsenhor Tabosa, Poranga, Quiterianópolis e Tamboril.

População estimada: 4.840

Situação: em Crateús, aguardando transferência de aldeias Nazarão e Mambira do Itara para a Funai, em terra que foi assentamento rural. Na periferia de Crateús, áreas foram doadas pela Prefeitura e aguardam regularização fundiária. Luta é integrada à dos povos Kalabaça, Potiguara, Kariri e Tupinambá. Na Serra das Matas (Monsenhor Tabosa e Tamboril), relatório circunstanciado entregue à Funai em 2012 aguarda publicação no Diário Oficial da União. O processo foi iniciado em 2003 e engloba os povos Gavão, Potiguara e Tubiba-Tapuia. Junto com o povo Kalabaça, a mobilização em Poranga é pela demarcação das aldeias Imburana e Cajueiro, com processos iniciados em 2003 e 2007. AIL, o povo aguarda nomeação de grupo de trabalho na Funai para estudos da demarcação.

3 POTYGUARA

Municípios: Boa Viagem, Crateús, Monsenhor Tabosa, Novo Oriente e Tamboril.

População estimada: 4.658

Situação: em Crateús e no território da Serra das Matas, mesmo movimento dos Tabajaras. Em Novo Oriente, luta pela demarcação da aldeia de Lagoinha está sem providências.



4 PITAGUARY

Municípios: Maracanaú e Pacatuba

População estimada: 4.478

Situação: em 2006, portaria declaratória delimitou 1.735 hectares para o povo indígena. Em sentença julgada em 2014, 336 hectares foram retirados. Atualmente, é aguardada a retirada de não-índios e homologação da terra indígena.

5 TREMEMBÉ

Municípios: Acaraú, Itarema e Itapipoca.

População estimada: 3.817.

Situação: único povo indígena que teve processo de demarcação concluído. Apenas a terra do Córrego do João Pereira, em Itarema, foi regularizada. Outras terras indígenas são alvo da reivindicação deste povo: nas aldeias de Almofofa, Queimadas, Barra do Mundau, Aroeira, Santo Antônio e Camendongo. Todos estão no processo de demarcação.

6 ANACÉ

Municípios: Caucaia e São Gonçalo do Amarante

População estimada: 2.361

Situação: relatório circunstanciado entregue à Funai em 2011, aguardando publicação no Diário Oficial da União e recomendação para estudo socioambiental do território das aldeias Japoara e Santa Rosa, em Caucaia. Processo iniciado em 2003. Em São Gonçalo do Amarante, aguarda pela construção da Reserva Tabá dos Anacé com os povos Matões e Balsa, com compromisso firmado em 2013.

7 KANINDÉ

Municípios: Aratuba, Canindé e Maracanaú

População estimada: 1.177

8 TAPUIA-KARIRI

Municípios: Carnaubal e São Benedito

População estimada: 736

Situação: aguardando constituição de grupo de trabalho para produzir relatório circunstanciado sobre demarcação do território em São Benedito. Processo foi iniciado em 2007.

9 JENIAPÓ-KANINDÉ

Município: Aquiraz

População estimada: 409

Situação: aguardando demarcação física, com materialização de marcos e georreferenciamento pela Funai. Processo iniciado em 1995.

10 KALABAÇA

Municípios: Crateús e Poranga

População estimada: 290

Situação: mesma reivindicação dos Tabajara em Poranga.

11 TUBIBA-TAPUIA

Município: Monsenhor Tabosa

População estimada: 243

Situação: mesma reivindicação dos Tabajara na Serra das Matas.

12 KARIRI

Município: Crateús

População estimada: 215

Situação: mesma do povo Potiguara em Crateús.

13 GAVÃO

Município: Monsenhor Tabosa

População estimada: 86

Situação: mesma do povo Potiguara na Serra das Matas.

14 TUPINAMBÁ

Município: Crateús

População estimada: 23

Situação: Mesma reivindicação dos Tabajara em Crateús.

FONTE: Secretaria de Saúde Indígena (SESAU) Distrito de Saúde Especial Indígena no Ceará (DISCEI) / Associação para Desenvolvimento Co-Produzido (Adeco)

A utilização de elementos que retomam a cultura indígena é de fato um acontecimento histórico, quando os próprios indígenas constroem a sua história, e ajudam os pesquisadores, a luta ganha força. Por séculos o governo brasileiro e a

população brasileira negaram a presença indígena no Ceará³, os próprios índios negavam a sua origem, o motivo era a perseguição que sofriam a recusa do aldeamento, da escravidão e da ideia de “civilizar” do homem europeu (VALLE, 2011). No contexto atual, muitos povos participam de sua história por meio de elementos comunitários, Escolas e Museus Indígenas estão ganhando espaço no ambiente urbano e rural, é um bom meio de começar a entender o "outro", e de dar a esses povos o direito à “diferença” (ARAÚJO, 2006, p.38).

O interesse pela problemática apresentada vem de diversas leituras acerca dos Kanindé de Aratuba, como na dissertação de mestrado de Alexandre Gomes, *Aquilo é uma coisa de Índio e Museus e Memória Indígena no Ceará*. Portanto, é neste sentido que vamos analisar a educação indígena e o processo de afirmação do patrimônio histórico e cultural como elementos fundamentais para analisar as lutas dos Kanindé de Aratuba.

³ Abro esta nota para a relevância dessa informação, a população brasileira também negou a presença negra, principalmente no Estado do Ceará, gerando diversos preconceitos com as pessoas negras.

DELIMITAÇÃO DO OBJETO

A etnogênese que é um processo histórico constante que reflete a dinâmica cultural e política das sociedades anteriores ou exteriores ao desenvolvimento dos Estados nacionais da atualidade. É o processo básico de configuração e estruturação da diversidade cultural humana (BARTOLOMÉ, 2006, p. 40). O etnônimo Kanindé tem origem ao chefe indígena Canindé, principal dos Janduíns, que liderou a resistência contra os portugueses em 1692. A palavra Kanindé também é usada pela comunidade para descrever “qualquer animal que seja preto e tenha a barriga branca”⁴. Segundo a tradição oral, vieram migrando por causa das secas e invasões que sofriam em suas terras, em sua memória social vieram sobrevivendo das secas de 1877 e 1915, consideram o ano de 1915 o momento de surgimento da etnia Kanindé (GOMES, VIEIRA NETO, 2009, p. 92-94).

Não é encontrada muita catalogação sobre os Kanindé. De 1915 até o seu reaparecimento em 1980, viveram como conta a tradição oral, misturados à massa da população. Contexto que mudou quando os Kanindé participaram no ano de 1995, da II Assembleia dos Povos Indígenas do Ceará, após o Cacique Sotero, então representante da comunidade, receber o convite.

CARTA CONVITE - II ASSEMBLÉIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ Pitaguary, Genipapo-Canidé, Kariri, Tapeba, Tabajara, Tremembé, Potiguara de Monte Nebo, Tremembé e outros. Queremos convidar vocês para se fazer presente na II Assembléia Indígena no dias 27 e 28 de Outubro deste ano de 95, na cidade de Maracanaú. Depois da bonita experiência que tivemos em Poranga, de onde falamos de nós mesmo e do profundo conhecimento que tivemos uns dos outros, das nossas histórias, de nosso medo, da nossa coragem e força, é que resolvemos novamente voltar a se encontrar e ver o que mudou. (...). Nossa Assembléia será na serra do Pitaguary, o lugar é muito bonito, tem muito de nós, é nossa terra, nosso chão.⁵

Com essa assembleia veio a auto identificação, segundo Sotero,

⁴ Entrevista com José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, 74 anos, realizada por Alan Martins, em 17 de Fevereiro de 2017. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará.

⁵ Carta Convite da II Assembleia dos Povos Indígenas do Ceará. 1995. *apud* In. GOMES, Alexandre O. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará.** (Dissertação de mestrado) – Recife, UFPE, 2012. 322 fls.

“Assim nasceu a etnia Kanindé, nós se declaramos, tivemos coragem de se declarar daquele tempo, mas lá atrás, já pelo meu avô, meu bisavô e meu pai, já sabia que nós era índio, só que nós não se identificava porque tinha medo, porque diziam que eles diziam pra nós que ninguém ‘não’ falasse em índio porque o branco matava o índio e a gente tinha medo em se identificar e ai nesse dia em diante nós de identifiquemos como a nossa história indígena” (Cacique Sotero).⁶

Portanto, através da identificação, pretendemos pegar em recortes, os elementos que retomam e transmitem as tradições culturais no Sítio Fernandes em Aratuba, Ceará. Daremos destaque ao Museu dos Kanindé e a Escola indígena, observando a história, o patrimônio, educação e as formas de expressar sua cultura material e imaterial.

Figura 2 - Reportagem do jornal O Povo, dia 27 de outubro de 1995.

Fonte: Reportagem: Jornal O Povo, 27 de outubro de 1995. GOMES, Alexandre *apud* In.

GOMES, Alexandre O. **Aquilo é uma coisa de índio:** objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará. (Dissertação de mestrado) – Recife, UFPE, 2012. 322 fls.



Com o fim de ampliar a visibilidade dos povos indígenas, revelando perspectivas destes povos sobre seu próprio passado (MONTEIRO *apud* SILVA, 2005, p. 62). Avaliamos como a cultura indígena exerce influência na educação local, através de seus

⁶ Entrevista com José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, 74 anos, realizada por Alan Martins, em 17 de Fevereiro de 2017. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará..

diversos tipos de patrimônios. O Museu dos Kanindé (MK) será abordado como um local de reconhecimento,

O museu é um lugar dinâmico. Para além da preservação das memórias, acontece neste espaço a construção da diversidade étnica e da alteridade [...] Infinitas são as atividades a serem desenvolvidas no espaço museal indígena: expressões ritualísticas, oficinas para reaprender e reinventar saberes aparentemente esquecidos, trabalhos com a história oral. Os “troncos velhos” podem narrar para as novas gerações suas lembranças e conhecimentos, a partir da cultura material e simbólica. O museu transforma-se num potencial vetor para dar visibilidade às diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória (GOMES e VIEIRA NETO, 2009, p. 48).

Do mesmo modo a Escola de Ensino Fundamental e Médio Manoel Francisco dos Santos, Escola Diferenciada, á chamaremos assim, será abordada da mesma forma, além de ser um objeto reformador e disseminador da cultura indígena. O MK tem um vínculo muito importante com a Escola Indígena, ele complementa o ensino, o Cacique Sotero explica que “ele hoje é quem ensina os aluno no colégio, os aluno vêm ver a história do museu, a história dos mais velhos”. Assim, há o MK que disponibiliza à nova geração o conhecimento e a história dos seus antepassados e da mesma forma um instrumento de luta política.

OBJETIVOS

GERAL

O patrimônio dos Kanindé é o nosso principal enfoque, o processo de retomada da cultura indígena é onde se voltará toda a pesquisa a partir dela analisaremos as lutas de reconhecimento e afirmação indígena e a ancestralidade. Pretendemos analisar essa memória protegida que é narrada hoje, tornada pública, por meio do museu e da escola, como processos educativos alicerçados nesta memória coletiva.

ESPECÍFICOS

Explorar a memória do povo Kanindé, as narrativas e a memória que identifica e luta pelo povo, o Museu dos Kanindé. Veremos como as histórias são contadas e como elas são utilizadas pelo povo.

Analisar as dinâmicas entre museu e escola indígena, explorando as trocas e junções de conhecimentos.

JUSTIFICATIVA

A continuidade da pesquisa visa trazer mais elementos que possam aprofundar e estender a problemática para se ter uma análise nesse vasto tema proposto. O processo de reconstrução de uma identidade não veio de forma igual para todos os povos indígenas no Ceará. Algumas lutaram para manter sua crença e identidade indígena, outras esconderam, mas nunca aceitaram a aculturação. Antes do reaparecimento dos índios nos anos 80 com os Tapeba e Tremembé. (RATTS, 2009, p.18). A crença era mantida em segredo em todos os casos. Mesmo quando a religião portuguesa era dita como a mais “elaborada e sofisticada”.

O povo Kanindé ainda não foi muito pesquisado, em decorrência disso, pretendemos ampliar o escopo, e focarmos em elementos ainda não tão explorados, por exemplo, o patrimônio dos Kanindé que está em construção desde a década anterior. Os Kanindé estão num território de ocupação tradicional, ainda não receberam a visita de nenhum grupo técnico para regularização de suas terras. Veremos sua trajetória e como o povo e a população ao redor estão fazendo para mantê-lo vivo. Analisaremos a educação entre os Kanindé, e como ela os influenciou em ser um povo que luta pelas suas terras. O projeto tem como intuito também, mostrar o processo de retomada das tradições culturais, educação e, com interesse de ampliar pesquisas nessa área. Com enfoque em mostrar o processo de retomada da cultura indígena, com a análise dos diversos elementos que trazem a tradição cultural e “memória coletiva” (RATTS, 2009, p.76), analisando esse panorama entre comunidade geral e indígena.

Busco abordar e observar o Museu dos Kanindé (MK) como um lugar de memória para toda a comunidade e a população de Aratuba, um elemento que retoma os valores étnicos desse povo. Estudar as narrativas orais, a cultura material e imaterial, compreendendo o processo de retomada da sua etnia. Explorar como ocorreram as lutas pelo reconhecimento e afirmação indígena, compreender como elas foram importantes para o reconhecimento indígena dos Kanindés.

Partindo de outro ponto de vista, os vários povos indígenas e o modo como se organizam mostra como veem sua comunidade como coletiva e veem especificidade e conexão entre eles. Entremos na questão do patrimônio, tudo em que os povos indígenas podem tocar e sentir se torna sagrado e adquire um valor.

A ideia de se criar museus para povos indígenas é de suma importância “instituições que antes eram vistas apenas como lugares de pesquisa e coleção de artefatos “exóticos” e de “culturas primitivas” em “vias de extinção” transformarem-se em ferramentas de luta, organização comunitária e visibilidade étnica” (GOMES e VIEIRA NETO, In: PALITOT, 2009, p. 371). Vemos que ao decorrer dos anos as definições vão mudando, os paradigmas mudam, é nosso dever garantir que lugares assim permaneçam presentes em nossas vidas.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa [...] É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação (NORA, P. 1984, p. 12-13).

Portanto esses lugares de memória ganham espaço como elementos importantíssimos de identidade entre a história contada a partir do ponto de vista do “outro”, o índio deixa de ser apenas um “objeto de estudo” deixa de ser o “outro”, e passa a ser protagonista de sua própria história, atribuindo seus próprios sentidos aos seus museus. A construção desses espaços é de alta importância, representam lutas de reconhecimento, isso significa que “se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los” (*Idem*, p. 13).

O Museu dos Kanindé fica próximo à Escola Diferenciada, assim a participação no Museu por parte da Escola Diferenciada é muito frequente. Todos os dias o Museu e a Escola recebem pesquisadores de todo o estado, professores, visitantes e alunos locais para explorar melhor a cultura, o local para visitação fica aberto pela maior parte do dia. O Cacique Sotero, eleito pela comunidade Kanind e,   fundador do museu, em seu início, o próprio Sotero apresentava as peças do museu e contava a história de seu povo. Porém desde a passagem de Alexandre Gomes, foi criado um Grupo de Trabalho (GT) com a Escola Diferenciada que   responsável por apresentar aos visitantes os objetos do museu, além da cataloga o e manuten o. O MK passou por uma amplia o física para comportar mais objetos desde a chegada de Alexandre Gomes na comunidade l  ele criou o GT com a comunidade e parceiros da cidade para melhorar a distribui o dos objetos no Museu, as escolas de Aratuba, municipais e estaduais: Escola de Ensino Fundamental Prof.^a Maria Julia Pereira da Silva e a Escola de Ensino Médio José Joacy

Pereira têm frequentes participações nessa cultura com catalogação de material para o acervo, como documentos que comprovam a posse das terras no Sítio Fernandes em Aratuba para os Kanindé, revistas, carcaças de animais, ferramentas feitas pelo povo, artesanato e entre muitos outros materiais que carregam a cultura.

No entanto, a única escola que oferece Educação Indígena na cidade é a Escola de Ensino Fundamental e Médio Manoel Francisco dos Santos. (A escola dos Kanindé, também conhecida como Escola Diferenciada). A construção dessa escola só foi possível por causa da manifestação do Cacique Sotero em 1999 ao Governo do Estado do Ceará. Em 2005 ela foi construída, hoje ela tem educação de ensino fundamental ao médio. Para consagrar o reconhecimento, os Kanindé estão empenhados em aprender a língua Tupi, a responsável pelo curso é a professora Potyguara Teca de Crateús.

Figura 3 – Museu dos Kanindé e Escola Diferenciada.

Fonte: Site Escola Indígena Kanindé. Acesso em: 12/12/2017. Disponível em:
<http://escolakaninde-indio.blogspot.com.br/>



Um dos elementos centrais neste processo é a ancestralidade, ela é muito importante na cultura dos Kanindés, através da oralidade o conhecimento é passado. Orientação por meio da mata, o tempo e o clima, remédios naturais, rituais religiosos e de cura, afinal, um vasto conhecimento que forma toda uma cultura. Portanto, os locais de memória são onde algo de significativo acontece para os índios. Onde um ensinamento é transmitido, onde alguém da comunidade falece, os locais dos rituais, e é claro, o Museu e a Escola Indígena.

Figura 4 – Toré na Oca da Memória.

Fonte: Tirada por Alan Martins Matos no dia 17 de Fevereiro de 2017. Aldeia Fernandes, Aratuba – Ceará.



Como acontece com os locais de memória, a terra é muito importante para a constituição de uma comunidade, nesse meio a cultura cresce e se fortalece. Além de ser o modo principal de subsistência atual, o território age como um círculo que une todos, onde a memória, ancestralidade e oralidade se desenvolvem. Aqui abordaremos o Toré, uma representação espiritual da crença indígena, tem um vínculo direto com a terra, além de existir como instrumento político e uma brincadeira. O primeiro surge com a ideia de afirmar a identidade indígena, todos os povos do Ceará precisaram adotar o Toré - ou Torém como os Tremembé chamam - para garantirem sua etnogênese. O início da luta pelo território foi em 1995, a luta foi travada com trabalhadores rurais locais e com a vitória dos Kanindé o terreno foi desapropriado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Eles chegaram ao sítio Fernandes devido às secas de 1877 e 1915, durante esse tempo migravam em direção ao maciço de Baturité, na década de 90 do século passado conseguiram se estabelecer.

PROBLEMATIZAÇÃO

Nossas perguntas iniciais são: Através desse meio de reafirmação de etnia, o MK e a Escola Diferenciada trazem meios para os Kanindé participarem dessa reconstrução? Como é a participação das escolas locais e da população com esse povo? Por meio da ancestralidade com objetivo de reconstruir a memória local vamos explorar, quais são os “lugares de memória” significativos para os Kanindé. Ao nos perguntarmos, sobre como a população interage com os Kanindés, devemos seguir os elementos que são usados para que essa interação aconteça, o MK e a Escola Diferenciada, portanto, os museus hoje podem ser entendidos como lugares propícios à difusão e reflexão acerca das trajetórias e memórias de luta e resistência dos grupos indígenas. (GOMES, VIEIRA NETO, 2009, p. 368). Outra indagação é, como o território, traço constitutivo de sua cultura e memória participativa e coletiva, tem conexão com os Kanindés? Exploraremos a memória coletiva neste assunto, ela é estimulada por segmentos sociais, como práticas culturais, religiosas e também, locais onde o índio vive. Seguimos nos perguntando como é o processo de reconstrução da crença e identidade indígena? Partiremos da análise da crença indígena com a crença da comunidade em geral, os contrastes da religião católica e evangélica, a identidade é coletiva. Desse modo, a transculturação aconteceu de maneira brusca e a ocultação da identidade também. Há duas formas de mudança cultural como explica Laraya (2001).

“[...] uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro”(LARAYA, 2001, p. 95).

Os Kanindés e outros aldeamentos do Ceará e do Brasil incorporaram alguns traços característicos da cultura portuguesa e da local ao decorrer dos anos.

Em se tratando de pessoas que se parecem, se vestem e falam como a maioria da população regional, é difícil apontar à primeira vista, a diferença entre índios e não-índios. A identidade dos Tremembé, contudo, não se resume a “traços culturais” como o torém e as narrativas da terra do aldeamento. Há inúmeros aspectos da vida cotidiana que podem ser (ou não) apresentados como “coisa de índio”. (RATTS, 2009, p. 28)

A primeira vista, hoje no Brasil em algumas etnias se torna difícil de distinguir indígenas de não-índios, apenas com a auto declaração, ou as vestes habituais é possível identificá-los. E assim, lhe proporcionamos o reconhecimento que merecem. Isso é decorrente “quando tentamos identificar as etnias, diferenças entre povos denominados de um único nome, reforçamos isso, quando procuramos suas particularidades e expressões culturais próprias” (SILVA, 2005, p. 49). Para reforçar a nossa proposta, contaremos com a história a partir da observação participante em ritos, comemorações e atividades diárias. Também partiremos de um ponto de vista do próprio indígena, com representações e aspectos singulares desde o ano de 1980, essa nova abordagem tem ganhado força. A crença, costumes, educação, memória, valores, oralidade, são alguns dos muitos elementos que exploraremos na pesquisa.

Para falarmos de auto identificação abordaremos com o autor que trata da questão indígena há mais de trinta anos no Brasil, o antropólogo João Pacheco de Oliveira, que têm definições do que é ser índio no Brasil atual, “para os antropólogos o que conta efetivamente é que uma dada coletividade se auto identifique como indígena, sendo índios todos os indivíduos que são por ela reconhecidos enquanto membros desse grupo étnico” (OLIVEIRA, 1994, p.79). A etnogênese garante o espaço “alugado” no Brasil, enquanto o índio se considere “índio” e que permaneça assim, eles poderão se manter nas terras e desenvolverem sua etnicidade. A etnogênese garante que o “índio” crie novas representações de velhos costumes, da mesma forma ele pode incorporar novos elementos de outras etnias para criar uma nova, mais consistente e forte, assim.

“a etnogênese está radicada no processo no quais “pequenos bandos transformaram as suas culturas para se unir a outros grupos, abandonando as suas línguas, suas práticas sociais e mesmo processos econômicos para atender as demandas da nova ordem”. Tais processos envolviam a incorporação de elementos de outras etnias (no caso dos cativos, por exemplo) bem como a “reinvenção e incorporação” de prática e tecnologias” (ANDERSON *apud* MONTEIRO, 2001, p. 56).⁷

Gary Claiton Anderson traz elementos como o “abandono de suas línguas e práticas sociais” em seu trabalho e também ele traz discussões da maioria dos índios do Brasil, aqueles que resistem e sobrevivem através de suas tradições culturais. Portanto,

⁷ Para ver Gary Claiton Anderson procure por John M. Monteiro, Capítulo 3. Entre o Etnocídio e a Etnogênese: Identidades Indígenas Coloniais. In: Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo.

o que quero dizer é que o governo utiliza de artifícios para afirmar que não existem mais índios no Brasil através de aculturação e extinção da cultura indígena.

REFERENCIAL TEÓRICO

Das possibilidades teóricas pensadas, nosso trabalho está inserido no debate das relações entre memória, etnogênese, oralidade, cultura material e imaterial. Voltado para as pesquisas mais recentes na área de observação participante (GOMES, 2012). Alexandre Gomes um antropólogo pioneiro em pesquisas com o povo Kanindé de Aratuba, traz uma abordagem quantitativa da comunidade, toca em elementos que pretendemos utilizar em nossa pesquisa. O principal interesse em pesquisar o povo Kanindé, reforçando o argumento, é de além de seguir os passos de Alexandre na museologia e na educação indígena, explorar elementos característicos da cultura Kanindé, sua etnicidade, é um ponto muito importante, a comunidade anda se desenvolvendo muito bem, desde a criação do MK em 1995 e da Escola Diferenciada em 2005, muitos pesquisadores passaram a olhar os Kanindé como objeto de pesquisa.

Antes disso, um fato muito importante na Constituição de 1988 “consagrou-se o princípio de que as comunidades indígenas constituem-se em sujeitos coletivos de direitos coletivos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2005, p. 5). Do mesmo modo o “direito a diferença” (ARAÚJO, 2006, p.38) busca se afirmar.

Evidente que os Kanindé conseguiram ajuda do governo por meio de lutas e conferências com outros povos indígenas, mas abro um espaço para fazer uma observação, o povo Kanindé é o segundo povo indígena do Brasil a criar um museu indígena, o primeiro museu é o do povo Tikuna de Amazonas, o Museu Maguta criado em 1990. Para completarmos nosso objetivo em continuar com uma antropologia para índios, criticaremos as categorias de oposição: o nativo resistindo à dominação, o nativo em guerra contra o colonizador, o colonizador destruindo o nativo, (SILVA, 2005, p. 72) essas visões não dizem realmente de quem o autor está falando, nessa abordagem, podemos ver a visão que se tem do “outro”, os vários estereótipos criado do índio durante a construção do Brasil, nessa perspectiva as várias etnias são constituídas numa massa, denominada de *índio* (SANTOS, 2014, p.10).

Figura 5 – Interior do MK.

Fonte: Tirada por Alan Martins Matos no dia 17 de Fevereiro de 2017. Aldeia Fernandes, Aratuba – Ceará.



Portanto, como um povo com tradição, os meios sociais que desenvolvem sua etnicidade e como de identificam são muito abrangentes, no dia 17 de fevereiro de 2017 quando fiz minha primeira visita a Aldeia Fernandes, Cícero Pereira dos Santos⁸, irmão do Cacique Sotero, mostrou sua preocupação com as cotas para indígenas em universidades federais, ele afirma que “um índio que mora na aldeia e não sabe contar uma história do seu povo, não é índio”. Destarte, aqui vemos um problema que ocorre com mais frequência, não indígenas ocupando os lugares de indígenas na educação superior. Desta forma vemos que as tradições, culturas, identidades e territórios estão ligados ao conceito de patrimônio, que remete tudo aquilo que tem valor para um grupo, e essa especificidade que é o que é ser índio. Podemos ver que patrimônio consiste de diversas subdivisões:

O patrimônio cultural de um grupo não se situa apenas no campo das artes, das festas e das arquiteturas, mas envolve também as diversas formas de organização, as diferentes identidades e os distintos territórios. [...]

⁸ Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, 65 anos realizada por Alan Martins Matos, em 17 de Fevereiro de 2017.

Partimos como patrimônio natural, os recursos hídricos, a fauna, a utilização medicinal e alimentação (RATTS, 2009, pp. 23 e 93).

Diante desse vasto conteúdo, o patrimônio dos Kanindé está em toda parte de sua comunidade. Com a noção de memória trabalharemos com os elementos que mantêm a ancestralidade ainda presente na cultura Kanindé. Do mesmo modo as narrativas orais que resgatam a cultura e a partir disso os “lugares de memória”, (GOMES, 2009) todo local de importância para o povo Kanindé. Responsáveis por possuírem o significado de diversos ensinamentos, usados para a caça, plantação e a crença. Em oralidade utilizaremos das formas mais cotidianas de comunicação entre os Kanindé, que será por meio de reuniões e narrativas orais para compreendermos como é significativo o conceito de comunidade, onde cada indivíduo é parte de um todo que compõe a comunidade, um meio social hegemônico. Francisco Bernardo da Silva, o Sinhô, me contou em uma conversa que tivemos que existe uma parcela na comunidade que ocupa o território Kanindé, são indígenas, mas não se identificam como tais. Perguntei a ele o porquê, ele me disse que por vergonha e por medo. Além da luta dos Kanindé em reivindicar terras e lutar pelo direito a diferença, vemos esse panorama de indígenas que não se assumem. Portanto, a partir da cultura material e imaterial, muitos dos seus elementos já foram aqui citados, como o próprio povo, o museu, o acervo do museu e o território em que vivem são cultura material, e imaterial a espiritualidade, ensinamentos e a oralidade.

FONTES E INDICAÇÕES METODOLÓGICAS

Através da análise teórica do material pretendo por meio das mais recentes pesquisas na área, utilizando da história oral e dos documentos escritos, interagir com a comunidade. Para conseguirmos além de pistas e deduções, nos aprofundaremos através de diálogos com a comunidade (GINZBURG, 1989) analisando informações e relatos provindos da observação participante. As fontes orais nos incitam na busca por objetivos.

“A importância do testemunhar oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir” (PORTELLI, A. 1997, p.32).

Partiremos inicialmente dos trabalhos já produzidos no tema, que é a dissertação de Alexandre Gomes. As narrativas serão um dos elementos essenciais no nosso

objetivo, que é mostrar a especificidade dos Kanindé, além dos diversos objetos que complementam o trabalho. Fazendo isso, me posiciono em favor ao povo Kanindé, às suas lutas, aos seus direitos e à sua cultura.

Utilizaremos jornais e acervos de museus, principalmente do MK, bem como, entrevistas e relatos locais. Passaremos por áreas que convergem com a nossa pesquisa, como a História Cultural, Antropologia, Pedagogia e Sociologia. Por meio de uma pesquisa de campo conseguiremos material para o trabalho. A pesquisa será abordada por dois meios, o qualitativo e quantitativo. Por todo o trabalho pretendemos nos aprofundar em abordagem das ciências humanas, com o auxílio do bom senso, o método qualitativo será o nosso enfoque aqui. Seguir por fontes seguras é o principal objetivo, por meio de um diário de campo, utilizaremos o método de observação participante, anotarei a minha visão como pesquisador. Para utilizarmos o próprio discurso do índio, faremos entrevistas orais, e se permitido á gravaremos. O nosso objetivo é conseguir o maior número possível delas. O Cacique Sotero e o Pajé Maciel serão algumas das lideranças indígenas entrevistadas, pretendemos do mesmo modo entrevistar professores, alunos e membros da Escola Diferenciada e os monitores do MK, sem esquecer-se da população de Aratuba.

CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2016.1				
	set	out	nov	dez	jan
Levantamento bibliográfico.	x	x	x	x	x
Problematização.	x	x	x		
Coleta do <i>corpus</i> .				x	x
Identificação das ocorrências.				x	x
Análise das ocorrências.				x	x
Sistematização dos resultados.				x	x

ATIVIDADES	2016.2				
	fev	mar	abr	mai	jun
Sistematização dos resultados.	x	x			
Redação provisória.		x			
Redação definitiva.		x			

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Valéria (org). **Povos Indígenas e a Lei dos “Branços”**: o direito à diferença. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BARTOLOMÉ, Miguel A. **As Etnogêneses**: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. Maná, v.12, n.1, 2006. p. 39-68.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário.” In: _____. **Mitos, Emblemas e Sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p.143-179.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará**: uma proposta em construção. Fortaleza: Secult; Museu do Ceará e IMOPEC, 2009.

_____. Museus e Memória Indígena no Ceará: a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos. In: PALITOT, Estevão Martins. **Na Mata do Sábila**: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza, Secult; Museu do Ceará; IMOPEC, 2009. p. 367-391.

GOMES, Alexandre O. **Aquilo é uma coisa de índio**: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará. (Dissertação de mestrado) – Recife, UFPE, 2012. 322 fls.

_____. **Povos Indígenas no Ceará**: organização, memória e luta. Fortaleza: Ribeiro's. 2007.

_____. Por uma antropologia dos museus indígenas: experiências museológicas e reflexões etnográficas. In: CURY, Marília Xavier. **Museus e Indígenas**: saberes e ética, novos paradigmas em debate. São Paulo, Secretária da Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016. p. 133-155.

LARAYA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de eiróiro. Jorge Zahar Ed. 2001.

MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo.** Campinas, IFCH; Unicamp, 2001.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Les lieux de mémoire. I La République*, Paris, Gallimard, 1984. pp. 07-28.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito. In: SILVA, Aracy Lopes da.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus.** Brasília, MEC; MARI e UNESCO, 1995. p. 61-86.

PALITOT, Estevão Martins (org). **Na Mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará.** Fortaleza, Secult; Museu do Ceará e IMOPEC, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** In. PROJ. HISTÓRIA. São Paulo. 14. Fev. de 1997. pp. 25-39.

RATTS, Alex. **Traços Étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas.** Fortaleza; Museu do Ceará e Secult. 2009.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Da importância de pesquisarmos história dos povos indígenas nas universidades públicas e de a ensinarmos no ensino médio e fundamental. In. **MNEME** – Revista de Humanidades – (org. Helder Alexandre Medeiros de Macedo - UFRN). v. 15, n. 35, jul./dez. 2014.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de Índios no Ceará Grande: Dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino.** Campinas, SP. Pontes Editores, 2005.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (org). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus.** Brasília, MEC; MARI e UNESCO, 1995.

VALLE, Carlos Guilherme O. Terras, índios e caboclos em foco: o destino dos aldeamentos indígenas no Ceará (século XIX). In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória.** Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011. p. 447-481.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é.** São Paulo, ISA, 2006. Acesso em: 12/12/2016. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf

ENTREVISTAS

Entrevista com José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, 74 anos, realizada por Alan Martins Matos, em 17 de Fevereiro de 2017. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará.
Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, 65 anos realizada por Alan Martins Matos, em 17 de Fevereiro de 2017. Aldeia Fernandes, Aratuba, Ceará.

SITES; JORNAIS; DOCUMENTOS

Figura 1 – Os 14 Povos Indígenas do Ceará. Matéria do jornal O Povo de 19/04/2017. Acesso em 26/07/2017. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/04/apenas-uma-das-25-areas-indigenas-do-ceara-esta-regularizada.html>.

Figura 2 - Reportagem: Jornal O Povo, 27 de outubro de 1995. GOMES, Alexandre *apud* In. GOMES, Alexandre O. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará.** (Dissertação de mestrado) – Recife, UFPE, 2012. 322 fls.

Figura 3 – Museu dos Kanindé e Escola Diferenciada. Fonte: Site Escola Indígena Kanindé. Acesso em: 12/12/2017. Disponível em: <http://escolakanindeindio.blogspot.com.br/>

Documento: Carta Convite da II Assembleia dos Povos Indígenas do Ceará. *apud* In. GOMES, Alexandre O. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará.** (Dissertação de mestrado) – Recife, UFPE, 2012. 322 fls.